

dos filhos da casa dos Xiao, fundadores dos Qi (479-502), que se notabilizou como o mais importante patrono da poesia de sua época. Por conseguinte, Xie estava muito bem posicionado para participar do círculo literário da nova elite, que reuniu outros importantes intelectuais sob o apelido de “Oito Amigos de Jingling”. Após exercer o cargo de comandante militar numa região, retornou à corte, onde navegou por duas conspirações. Na primeira, conseguiu proteger-se ao denunciar o seu sogro. Na segunda, não quis aliar-se ao regente Xiao Yaoguang 蕭遙光, que tinha planos para usurpar o trono, pelo que foi recolhido à prisão, onde morreu. Xie Tiao seguia, junto com os outros sete “amigos de Jingling”, o modelo tonal conhecido como “forma da era Yongming”. Os experimentos desses autores abriu os caminhos para a poesia regulada (*lushi* 律詩) da dinastia Tang – pérola da literatura chinesa. Dito isso, com 130 poemas transmitidos, a posteridade reputa Xie Tiao pele sua produção de obras sobre “montanhas e rios” (seria uma tradição familiar?). Além disso, há um conjunto de poemas sobre descrição de objetos (cítara *qin*, bambuzais, “Terraço dos Espelhos” [*Yong jingtai* 詠鏡台]). Na verdade, os poemas descritivos são traço dessa época e do tipo de convívio mantido pelos literatos, que se reuniam para beber, discutir literatura e divertir-se com jogos, incluindo-se trocas de poemas de ocasião.

46 Verso da cantiga *yuefu* do tipo *xing* 行, chamada “Acompanhando um Jovem Hóspede” (*Dai jie ke shaonian chang xing* 代結客少年場行), de Bao Zhao.

47 Verso do poema “Lamento sobre os Degraus de Jade” (*Yu jie yuan* 玉階怨), de Yu Yan 虞炎.

48 Título de *yuefu* de Cao Zhi, composição do tipo *yin* 吟 para harpa *konghouyin* 箜篌引.

49 Frase de “Sete Poemas de Tristeza” (*Qiai shi* 七哀詩), de Cao Zhi.

50 Os “Quatro Tons” sintetizavam, para fins poéticos, quatro tipos de efeitos sonoros, que podem ser efectivamente percebidos em dialectos actuais como o cantonês, hakka, etc. – não o mandarim: (1) Plano — 1.º tom do mandarim e 1.º, 3.º e 6.º do cantonês; (2) Ascendente — 2.º tom do mandarim e 2.º e 5.º do cantonês; (3) Descendente — 3.º tom do mandarim e 4.º do cantonês; (4) Paragem glotal — inexistente no mandarim e 7.º a 9.º no cantonês.

51 Os poetas de Yongming transmitiram regras sobre a combinação dos tons ao longo dos versos, que depois foram simplificadas para os dois tipos b á sicos da poesia Tang, chamados de *pingze* 平仄. Os “Oito Defeitos”, de que “cintura de abelha” e “joelho de grou” são dois exemplos, são regras atribuídas a Shen Yue, sobre os tipos de combinação tonal a evitar num poema.

52 O prefácio termina com dois *locus classici*; “lago das pérolas” remete para a *Lenda do Imperador Mu de Zhou* (*Mu tianzi zhuan* 穆天子傳) e “floresta de pêssegos” aparece na *Escritura dos Mares e Montanhas* (*Shanhaijing* 山海經). As comparações, que soam artificiais em português, não têm por objectivo contribuir para a mensagem do texto, mas sim assinalar a erudição do autor e também o seu bom gosto pela associação que estabelece.

BIBLIOGRAFIA

Como texto-base para tradução e notas, seguimos a edição crítica definitiva de Cao Xu 曹旭, *Shipin jizhu* 詩品集註 (Anotações Reunidas sobre a *Classificação dos Poetas*). Xangai: Shanghai Guji Chubanshe, 1994, pp. 1-74, 173-196, 329-356.

O material para os resumos biográficos de cada autor, incluídos nas notas de fim, foi obtido das versões chinesas das enciclopédias *on-line* Wikipedia e Baidu. Estas publicações têm a vantagem de compilarem os textos relevantes de fontes primárias como as crónicas oficiais (*zhengshi* 正史).

Cotejamos a nossa tradução com a de Zhou Zhenfu 周振甫, *Shipin yizhu* 詩品譯註 (A *Classificação dos Poetas*, Anotada e Traduzida). Pequim: Zhonghua Shuju, 1998.

Há uma tradução inglesa do texto de Zhong Rong disponível em Wong Siu-Kit, *Early Chinese Literaty Criticism*. Hong Kong: Joint Publishing, 1983.

O segundo volume da trilogia de Mark Edward Lewis oferece um rico panorama geral da história e cultura no período de fragmentação entre as dinastias Han e Sui: *China Between Empires: The Northern and Southern Dynasties*. Cambridge: Harvard University Press, 2009.

Embora não apresentem uma exposição detalhada da *Classificação dos Poetas*, as duas histórias gerais da literatura chinesa em língua inglesa mais conhecidas garantem-nos uma visão de conjunto da produção literária nos respectivos períodos: Stephen Owen (ed.), *The Cambridge History of Chinese Literature* (vol. 1). Cambridge: Cambridge University Press, 2010, caps. 2 e 3, organiza o material cronologicamente.

Victor Mair (ed.), *The Columbia History of Chinese Literature*. Nova Iorque: Columbia University Press, 2002, caps. 13 e 45, traz uma interessante classificação temática.

RESUMOS

Figurações Femininas nas Obras de Deolinda da Conceição, Maria Ondina Braga e Fernanda Dias: Os Árduos Caminhos da Emancipação e do Exílio

Nas obras de Maria Ondina Braga e de Deolinda da Conceição é-nos retratada a sociedade macaense, sobretudo das décadas de 40-60 e a luta das personagens femininas, muitas delas exiladas, pela emancipação. Narram também a vida das mulheres e homens chineses que sucumbiam ou lutavam contra a opressão, a pobreza extrema e as milenares superstições. No caso de Fernanda Dias, as figurações femininas pertencem a um diferente contexto, situado nos anos de 1980-1990. Assim, tomando como *corpus* de análise as obras *A China Fica ao Lado* e *Nocturno em Macau* de Maria Ondina Braga, *Cheong Sam: A Cabaia* de Deolinda da Conceição e *Dias de Prosperidade* de Fernanda Dias, analisaremos o modo como a luta pela emancipação e liberdade das personagens femininas é configurada cruzando, simultaneamente os árduos caminhos e fronteiras do exílio. [Autora: Dora Nunes Gago, pp. 6-17]

Mitos e Metamorfoses do Sujeito na Jornada Poética de Fernanda Dias

Entre os autores portugueses que escrevem sobre Macau, Fernanda Dias destaca-se pela sua amorosa ligação a esse “diminuto pedaço de chão” e pelo rigor e intensidade da escrita poética. Raro esta se identificou tanto com o espaço evocado, a ponto de conseguir recuperar na respiração do verso a voz imemorial do *Yi Jing*. O fogo que nela arde, o verso lapidar, aproximam-na do estro de uma Sophia de Mello Breyner, bem como a articulação entre paixão amorosa e poesia, a clareza visionária do olhar e uma sabedoria oracular que advém da autenticidade do compromisso poético. Esta obra constitui um desafio às engenhosas conceptualizações dos estudos pós-coloniais, pela identificação com o espaço alheio e pela paixão com que

se debate, ao avesso de orientalismos e antiorientalismos. Sondaremos a obra de Fernanda Dias na busca dos mitos com que se tece a sua jornada poética, a permitir a metamorfose do sujeito e a redenção da paixão pela poesia. Apesar da diversidade de registos, que espelha também a sua visitação de alguns dos mais interessantes movimentos poéticos do nosso tempo, há nela contudo um rumo definido. Falando de duas realidades que situaremos num eixo cronológico, o enamoramento e a invenção de Sherazhade, teremos que fazer incessantes viagens para trás e para a frente, reconhecendo sinais, presságios, anunciações, e uma funda coerência. A cada poeta os seus mitos... Sondemos os que nos propõe este périplo, que tem o seu início em Macau e que a Macau regressará sempre. [Autora: Vera Borges, pp. 18-27]

A Insubmissão da Seda: Uma Leitura de A Cabaia, de Deolinda da Conceição

Os contos de Deolinda da Conceição são muitas vezes analisados à luz da posição da autora em defesa da condição feminina, da incipiente luta pela emancipação da mulher chinesa contra a ancestral opressão de uma sociedade patriarcal, eivada de superstições, subjugada numa estrutura familiar milenar. Paralelamente, Deolinda da Conceição, mulher esclarecida do seu tempo, dá-nos um olhar sobre as duas culturas cujo dia a dia partilha: a da Pátria, longe geograficamente, mas interiorizada no culto da língua e dos valores e a da sua naturalidade, do seu local de nascimento. Sem dilema nem conflito emocional entre nacionalidade e naturalidade, antes as duas vertentes se completam na eficácia da sua escrita, alimentada pela fusão cultural de séculos. Uma peça de vestuário dá o nome ao livro de Deolinda da Conceição *A Cabaia* e ao primeiro dos vinte e sete contos que dele fazem parte. O papel desse ícone

da elegância feminina oriental no enredo do conto poderia ser interpretado, numa primeira leitura, como uma metáfora da vaidade frívola; porém a narrativa estrutura-se em volta do uso subtil que Deolinda faz dos objectos-chave, atribuindo-lhes sempre um duplo valor, complementar: pessoal e universal; intimista e social. A sua obra flui, lúcida e atenta. Não é possível ler estes textos s em que nos evocuem vivências genuínas, sem que nos sejam restituídos lugares reais, memórias de um passado autêntico da cidade. No reverso dos dramas da guerra, cuja crueldade e cortejo de horrores só se podem intuir mercê da voz de quem os viveu, pulsa a cidade em luta pela sobrevivência. Lemos nestes contos, como num álbum ilustrado cuidadosamente guardado, as imagens ao mesmo tempo pungentes e delicadas da pacata cidade de outros tempos. [Autora: Fernanda Dias, pp. 28-39]

As “Portuguesas de Xangai” (1850-1952)

O estudo do papel social desempenhado pela mulher na corrente migratória Macau-Xangai e no processo de fixação da comunidade dos “portugueses de Xangai” só ganha relevância se contextualizado no quadro mais geral dos movimentos migratórios que constituem aquilo que designamos por “diáspora macaense”. Reconhecendo que o estudo dos fenómenos migratórios é, fundamentalmente, o estudo das redes sociais que os corporizam, no caso dos migrantes macaenses, estas redes sociais são protagonizadas pelos núcleos familiares que participaram nas diferentes correntes migratórias, onde se inclui o exemplo da emigração entre Macau e Xangai. A análise que nos propomos desenvolver ao longo deste trabalho parte da questão de saber qual o papel social desempenhado pela mulher na construção das redes sociais na comunidade dos “portugueses de Xangai”, quer de suporte ao movimento migratório, quer no que se refere aos processos de integração na sociedade de acolhimento. Portadoras de um quadro

cultural herdado na sociedade de origem, as “portuguesas de Xangai” vão incorporando formas de ser e de estar que ilustram a capacidade da sua comunidade se adaptar às características da sociedade xangaiense. [Autor: Alfredo Gomes Dias, pp. 40-53]

A Mulher de Macau: Mulher Portuguesa/Mulher Macaense
Os primeiros moradores de Macau não se misturavam com a população chinesa. A mistura de sangue chinês que os Macaenses absorveram, ao longo dos séculos, deve-se em grande parte à coabitação dos portugueses e euro-asiáticos com as suas *muitsai*. Tradicionalmente, as mulheres chinesas têm um papel muito apagado na sociedade, sendo dominadas pelo poder patriarcal. A tradição familiar protege ainda o varão, mas a mulher tem vindo a adquirir mais habilitações académicas e a desempenhar um papel mais activo no mercado de trabalho. As duas comunidades, chinesa e macaense, foram-se aproximando e os direitos das mulheres foram-se reforçando. [Autora: Leonor Diaz de Seabra, pp. 54-63]

O Rolo de Hume de 1772 e os Rostos por trás das Fábricas de Cantão
O rolo panorâmico de Alexander Hume, recentemente adquirido pelo Museu Marítimo de Hong Kong, fornece uma visão única da história do comércio de Cantão. Devido à sua grande dimensão e detalhe incrível, é um dos documentos mais importantes para o estudo não só das fábricas de Cantão, mas também o comércio em si. Com todos os dados que recentemente surgiram sobre o comércio, e com os novos detalhes fornecidos pela pintura de Hume, é possível agora reconstituir as estórias de quase todos os edifícios retratados na cena. Pela primeira vez na história do estudo das fábricas de Cantão, podemos realmente identificar muitos dos proprietários chineses e moradores dos edifícios assim como os locais onde conduziram os seus

negócios. A pesquisa questiona antigas teorias que defendiam como entidades distintas o comércio exterior e o comércio de juncos chineses no Sudeste Asiático, considerando-as longe da verdade. Não só estiveram as mesmas pessoas envolvidas em ambos os comércios como operavam dos mesmos edifícios. O rolo de Hume permite visualizar estas interações como nunca, antes da sua descoberta, foi possível. [Autor: Paul A. Van Dyke, pp. 64-102]

Negociar com Comerciantes: O Deslumbramento dos Lojistas Cantonenses
Para além de negociarem com o que é suposto em Cantão, isto é, compras a granel, os comerciantes ocidentais adquiriam todo o tipo de artesanato cantonês, produtos locais, chá, vinho e alimentos em pequenas quantidades para uso pessoal, para amigos e família, ou para venda no regresso a casa. Lojas proliferavam nas vielas do complexo das fábricas e nas ruas da periferia, com uma surpreendente selecção de produtos e artesanato feitos na China exclusivamente para a clientela ocidental, formando nesta zona sudoeste do subúrbio um dos maiores centros comerciais da Ásia. As lojas, muitas delas especializadas na exportação de arte chinesa, aplicavam eficientes estratégias de *marketing* que deslumbravam os comerciantes, eles próprios muitas vezes, empresários e negociadores de alto nível. Estavam convenientemente localizadas, oferecendo grande variedade de produtos. A maioria das lojas vendia e era especializada num único tipo de mercadoria, um nicho no mercado. Uma das estratégias melhor sucedidas era a de oferecer visitas aos bastidores do estabelecimento, onde os potenciais clientes eram maravilhados com o processo de produção. Esta táctica funcionava particularmente bem com lojas de venda de pinturas de exportação chinesas. Outros segredos do sucesso incluíam os preços competitivos ou ainda a técnica de regatear destes lojistas cantonenses, advertida em vários relatos de comerciantes.

Através do estudo das lojas, comerciantes e as razões do seu sucesso, este artigo pretende retratar a interacção existente entre os comerciantes ocidentais e um pequeno grupo de negócio e empresários locais, para além dos mais conhecidos comerciantes Hong, e talvez dar uma visão diferente do quotidiano dos negociantes ocidentais durante a sua permanência na China. [Autora: Maria Kar-wing Mok, pp. 103-115]

À Espera de Emigrar: O Ensino da Língua Inglesa em Goa e Macau (Século XIX)
A aplicação do *English Education Act*, em 1835, na Índia, na sequência do *Minute upon Indian Education*, de Macaulay, consagra um novo rumo da educação, em língua inglesa, no contexto colonial britânico. Um processo semelhante ocorre, algumas décadas mais tarde, no território de Hong Kong, configurando a relação entre a educação em língua veicular inglesa e as elites chinesas emergentes entre a população residente, que a integram nas suas estratégias identitárias, particularmente a partir do último quartel do século XIX. Em períodos e contextos embora distintos, os processos de satelização económica dos territórios de colonização portuguesa – nomeadamente Goa e Macau – face ao crescimento económico dos territórios britânicos, desencadeiam uma procura, em ambos os territórios, |da formação em língua veicular inglesa, percebida como um instrumento valioso na antecipação dos fluxos migratórios para as colónias britânicas. Este artigo procura explorar as dimensões retóricas e pragmáticas que sustentam a adopção da língua inglesa como língua de instrução – que invocam tanto uma suposta superioridade civilizacional como a necessidade de formar quadros locais – procurando associar a esta discussão as perspectivas estratégicas das elites locais, decorrentes dos processos de recomposição nas sociedades coloniais. [Autor: Rui Simões, pp. 116-131]

Os Três Prefácios da *Classificação dos Poetas*, por Zhong Rong: Tradução, Notas e Comentário
O presente texto oferece uma tradução para o português, com anotações e comentários, dos três prefácios da obra *Classificação dos Poetas*, escrita pelo literato chinês Zhong Rong da dinastia do Sul Liang. A *Classificação* foi a obra fundadora de uma tradição de crítica literária voltada para a análise e classificação sistemática de autores; o seu julgamento a respeito dos méritos e vicissitudes dos poetas que elenca continua a ter influência nos nossos dias. Os textos hoje chamado de “prefácios” descrevem os critérios que orientaram a composição da obra, bem como os princípios analíticos e de apreciação das composições poéticas. Além disso, os prefácios também são um documento importante de história literária chinesa; a sua periodização do desenvolvimento da arte poética entre as dinastias Han e as primeiras décadas da Liang mantém-se no geral inalterada. Para reforçar a significância académica do texto de Zhong, as anotações concentram-se no perfil socioeconómico dos autores abordados, o que não apenas estabelece a poesia como prática social mas também demonstra a sua ligação aos ciclos dinásticos. [Autor: Giorgio Sinedino, pp. 132-154]